

“Com os olhos no futuro da Demografia Histórica da América Latina”: uma homenagem à Maria Luiza Marcílio**

“With an eye on the future of Latin American Historical Demography”: a tribute to Maria Luiza Marcílio

Ana Silvia Volpi Scott

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Resumo

A partir da recente comemoração dos cinquenta anos da Demografia Histórica, presta-se uma homenagem às contribuições de Maria Luiza Marcílio para a introdução e o desenvolvimento desses estudos no Brasil e na América Latina. Colocam-se em destaque os importantes aportes dados pela homenageada, através das suas atividades de docência, de orientação e de produção acadêmica neste campo. O balanço final sobre sua carreira revela que os temas e as vertentes de pesquisa abertas por Maria Luiza Marcílio continuam ainda hoje a estimular os pesquisadores da Demografia Histórica, da História da População e da História da Família na América Latina. Portanto, esta homenagem à Maria Luiza Marcílio não significa falar do passado da Demografia Histórica latino-americana ou brasileira. Trata-se de lançar os nossos olhares para os desafios que nos aguardam nos próximos anos.

Palavras chave: Demografia Histórica; População; América Latina; Brasil.

Abstract

After the recent commemoration of the 50th anniversary of Historical Demography, a tribute is paid to the contributions of Maria Luiza Marcílio to the introduction and development of these studies in Brazil and Latin America. It highlights the important contributions given by the honoree, through her teaching activities, orientation and academic production in this field. The final balance of her career reveals that the themes and research lines opened by Maria Luiza Marcílio continues to stimulate researchers of Historical Demography, Population History, and Family History in Latin America. Therefore, this tribute to Maria Luiza Marcílio does not mean talking about the past of Latin American or Brazilian Historical Demography. It's about casting our eyes at the challenges that await us in the coming years.

Keywords: Historical Demography; Population; Latin America; Brazil.

* Este texto, com algumas modificações e atualizações, foi apresentado como conferência de encerramento do I Seminário de Demografia Histórica e História da População na América Latina, que ocorreu no Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Nepo/Unicamp), em junho de 2015. Gostaria de agradecer o convite dos colegas Paulo Teixeira e Isabel Barreto Messano – na oportunidade, moderadores da RED Demografia Histórica, Asociación Latinoamericana de Población (ALAP) –, assim como à Maísa Faleiros da Cunha, para participar da homenagem à Professora Maria Luiza Marcílio, estendendo os agradecimentos às organizadoras deste dossiê pela oportunidade de publicar o presente trabalho.

I n t r o d u ç ã o



Maria Luiza Marcílio (COSTA & IVO, 2007).

A Demografia Histórica acaba de completar meio século. O “episódio” que marca a contagem dos cinquenta anos foi criação oficial da *International Commission for Historical Demography*, em Viena, Áustria, no ano de 1965, durante o *XII International Congress of Historical Sciences* (Congresso Internacional de Ciências Históricas).

A criação do referido Comitê deu-se cinco anos depois de Louis Henry ter apresentado pela primeira vez aos historiadores a metodologia de *Reconstituição de Famílias*, em Estocolmo (Suécia), na edição do ano de 1960 do mesmo Congresso Internacional de Ciências Históricas. A *Reconstituição de Famílias* é, talvez, a marca mais conhecida da Demografia Histórica e foi desenvolvida com a cooperação do historiador francês Michel Fleury.

As comemorações relativas aos cinquenta anos da Demografia Histórica incluíram publicações importantes, especialmente na Europa, afinal o seu “berço” é a França e a “paternidade” da disciplina é atribuída a Louis Henry, demógrafo francês que esteve vinculado ao *Institut National d'Études Démographiques* (Ined), na França.

O conjunto de publicações integra, por exemplo, o volume nº 50 do *Annales de Démographie Historique – Bilan historiographique d'une discipline en renouvellement*, publicado em 2015, um dos principais periódicos voltados para os temas da demografia do passado (Annales, 2015). Outras duas publicações importantes neste contexto são os livros *A Global History of Historical Demography. Half a Century of Interdisciplinarity*, de Fauve Chamoux e Bolovan (2016), e *The future of historical demography. Upside down and inside out*, de Matthijs (2016)¹, que também integram a celebração e, mais do que isso, avaliam do impacto da Demografia Histórica nos campos da História e da Demografia.

Maria Luiza Marcílio e a demografia histórica no Brasil

Considera-se o ano de 1973 como a “entrada oficial” da Demografia Histórica no Brasil: com alguns anos de atraso em relação à Europa, a disciplina foi introduzida e ganhou espaço entre pesquisadores brasileiros e latino-americanos.

O marco inaugural foi a publicação do livro de Maria Luiza Marcílio sobre a cidade de São Paulo. A obra correspondia à versão em português de sua tese de doutorado, sob orientação do próprio Louis Henry e defendida na França, em 1967, apenas três anos depois da constituição oficial do Comitê de Demografia Histórica na Europa. Esse foi o impulso inicial que, nos anos seguintes, estimulou dezenas e dezenas de pesquisadores a trilharem a senda que se valia dos métodos e técnicas da Demografia Histórica para subsidiar os estudos sobre a população brasileira e latino-americana.

Nada mais justo do que, no contexto de celebração que envolve a Demografia Histórica em nível mundial, prestar a justa homenagem à Maria Luiza Marcílio, até porque, neste ano de 2017, se completam os 50 anos da defesa, na Sorbonne, de sua tese pioneira, que se valeu do instrumental da Demografia Histórica para estudar a população de São Paulo. É, sem dúvida,

¹ Vale destacar, ainda, que no livro *A Global History of Historical Demography*, o capítulo dedicado à América Latina é de autoria de Maria Luiza Marcílio.

um momento que enseja a reflexão sobre a contribuição de Maria Luiza Marcílio, destacando as várias facetas de sua longa e produtiva carreira.

O reconhecimento em relação às contribuições dadas por Maria Luiza Marcílio à Demografia Histórica brasileira e latino-americana foi apontado em diferentes oportunidades: em 1988, com o prêmio conferido pelo governo espanhol, através da Comissão Oficial de Celebração do V Centenário, na categoria de *Historia da América*, para a publicação da obra *Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista 1700-1836*; no ano seguinte, foi atribuído a ela o *Prêmio Guggenheim*. Em 2012, Maria Luiza Marcílio foi distinguida com a Menção Honrosa de Melhor Historiadora, na 54ª *International Conference of Americanists* (Viena, Áustria).

Assim, a homenagem que se presta agora, além de reconhecer seu papel e sua contribuição para a Demografia Histórica, permite que os colegas e outros profissionais que cruzaram seus caminhos, possam retomar contato com sua importante produção, bem como pode estimular os mais jovens a explorar e conhecer mais a fundo as páginas escritas ao longo dessas últimas décadas.

Não há dúvida de que o nome de Maria Luiza Marcílio está estreitamente vinculado ao percurso de mais de cinco décadas da Demografia Histórica na América Latina e no Brasil, e que suas pesquisas foram indutoras para que esse conhecimento se multiplicasse e se aprofundasse, especialmente a partir do sucessivo alargamento dos temas, das fontes, das metodologias, assim como por conta da renovação das gerações dos próprios estudiosos da população em perspectiva histórica.

Ao longo das últimas décadas, seus trabalhos têm dado uma contribuição de peso para a Demografia Histórica, assim como para a História da Família. Para mais, ainda continuam a apontar caminhos inovadores que merecem ser explorados sob o influxo das novas gerações. Esse é um primeiro aspecto de sua trajetória que deve ser destacado: o fato de ter guiado tantos jovens estudantes nessas temáticas e ter propiciado a primeira oportunidade de adentrar o universo da pesquisa².

Maria Luiza Marcílio teve, e continua a ter, uma carreira intensa e produtiva. Parte substantiva

² O convite para a publicação deste texto me deu muita satisfação, não apenas pela chance de me dirigir a colegas e estudantes que, tenho certeza, se sentem permanentemente desafiados a trabalhar com a demografia em perspectiva histórica, mas também por me ser permitido dar um testemunho e, de alguma forma, fazer um agradecimento especial à querida mestra, pelas oportunidades e pela atenção que ela sempre deu à formação de jovens estudantes. Incluo-me entre estes pesquisadores privilegiados que, desde então, percorrem as trilhas do conhecimento em Demografia Histórica, História da População e História da Família. Em meu nome e no de todas as gerações de pesquisadores formados sob sua "orientação e os seus cuidados", agradeço à Profa. Maria Luiza Marcílio.

<http://dx.doi.org/10.20396/resgate.v25i2.8647941>

de seu percurso acadêmico transcorreu no Departamento de História da USP, e foi lá que tive a oportunidade de conhecê-la, quando ministrou a disciplina de História da América para minha turma de graduandos, nos finais da década de 1970. Naquela ocasião, Maria Luiza Marcílio estava de retorno ao Brasil, depois de uma estada na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Desde então, recordo de ver a Profa. Marcílio sempre cercada de alunos que se integravam aos seus projetos de pesquisa. Entre eles, o que deu origem ao livro *Caiçara: Terra e População. Estudo de Demografia Histórica e História Social de Ubatuba* (publicado em 1986 e reeditado em 2006), assim como o projeto que eu tive a oportunidade de me integrar como bolsista de iniciação científica: *População, Terra e Herança na Capitania Paulista (1765-1836)*, que propunha a análise diferencial da população paulista. Deste projeto resultaram duas dissertações de mestrado sobre a elite composta pelos grandes proprietários de escravos na Capitania-Província de São Paulo (SCOTT, 1987; BACELLAR, 1987).



Registro do lançamento do livro *História em todos os seus sentidos. Demografia Histórica e Questões Contemporâneas* (2017), realizado na Livraria da Vila, em São Paulo, no dia 19 de agosto 2017. O livro foi uma homenagem de seus orientandos, alguns deles presentes na imagem (esq. à dir.): Renato Pinto Venancio (UFMG), Renato Junio Franco (UFF), Ana Silvia Volpi Scott (Unicamp), Maria Luiza Marcílio e Carlos de Almeida Prado Bacellar (USP).

Essa aproximação e integração com alunos de graduação pode-se dizer, foi uma bem-sucedida estratégia de formação de recursos humanos, que acabou por dar as bases para a institucionalização do grupo que reunia alunos e orientandos de graduação e pós-graduação.

Com a determinação e a vontade que lhe são características, Maria Luiza Marcílio fundou, em 1985, o Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL), que dirigiu por mais de dez anos. O CEDHAL teve papel fundamental na produção do conhecimento na área, elegendo como temas centrais o estudo da infância e da família. Por ali passaram dezenas e dezenas de pesquisadores, desde os iniciantes, carinhosamente, identificados como “CEDHAL Jr”, até os pesquisadores seniores.

Em que pese o fato de que as contribuições de Maria Luiza Marcílio abarquem múltiplos temas e abordagens³, é importante privilegiar aqui a produção no campo da Demografia Histórica, da História da População e da História da Família. Usei como fio condutor, para recompor esta longa trajetória acadêmica, marcos que considerei fundamentais para aquilatar seu percurso.

Assumo como ponto inicial a graduação em História, pela Universidade de São Paulo, em 1960, que se seguiu à sua inserção como docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde ministrou a disciplina de História do Brasil.

Nos meados da década de 1960, outros desafios foram abraçados pela jovem historiadora, que partiu rumo à cidade luz, para fazer seu doutorado na *Université de Paris-Sorbonne*. Ali, Maria Luiza Marcílio foi orientada por pesquisadores do calibre de Fernand Braudel e Louis Henry. O resultado da estada parisiense foi a tese *La ville de São Paulo: peuplement et population. 1750-1850*, publicada em 1968 na França, e no Brasil apenas cinco anos mais tarde, pela Editora Pioneira, com o título *A cidade de São Paulo: Povoamento e População*, reeditado em 2014.

Aqui, abro um parêntesis necessário para chamar a atenção para o fato de que seus livros mais conhecidos no campo da Demografia Histórica mereceram reedições nos últimos anos. É sinal inequívoco que reforça a importância dos estudos realizados, que ainda têm contribuições e lições a dar para as velhas e novas gerações de historiadores, demógrafos historiadores e demógrafos.

3 Outras áreas receberam a atenção e os estudos de Maria Luiza Marcílio. Destaco a sua integração, como presidente, na Comissão de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo (1997-2010), quando criou a Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP. Presidiu ainda o Instituto Jacques Maritain. Nesse campo dos direitos humanos teve atuação marcante também, produzindo inúmeros textos e reflexões, e recebendo a Menção Honrosa do Prêmio Alceu Amoroso Lima para os Direitos Humanos, em 2009. Nos últimos anos, tem se dedicado ao projeto Alfabetização na História do Brasil. Um dos resultados dessa investigação, desenvolvida no Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, foi o livro *História da escola em São Paulo e no Brasil*, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 2005, e reeditado em 2014.

Voltando às reflexões sobre a trajetória de Maria Luiza Marcílio, sem dúvida, a permanência na França possibilitou uma experiência vibrante e enriquecedora, permitindo que ela desfrutasse de um ambiente instigante, que lhe permitia transitar pelas muitas e fecundas trilhas exploradas pela historiografia francesa, que reunia um grupo de historiadores integrados à chamada *Escola dos Annales*⁴. Vale lembrar que a “segunda geração dos *Annales*” foi capitaneada por ninguém menos que Fernand Braudel que, inicialmente, orientou Maria Luiza Marcílio na Sorbonne.

Diferentemente dos dias atuais, naquele momento a divulgação, a circulação das propostas e a disseminação dos métodos não era tão fácil e rápida como é hoje. Não apenas o acesso à produção era muito mais restrito e difícil, como a mobilidade de pesquisadores entre as diferentes instituições e países era muito mais limitada. Só tendo em conta este contexto é possível avaliar a contribuição e o impacto da atuação dessa pesquisadora, que vem produzindo conhecimento e formando pesquisadores, estimulados pelos desafios postos pelas novas abordagens da História, valendo-se com muita propriedade dos métodos e técnicas da, então, jovem ciência que era a Demografia Histórica.

Ainda há que se considerar outro ponto importante. Se hoje a produção intelectual de alto nível realizada pelas mulheres, em todos os campos do saber, não é novidade, o mesmo não pode ser dito sobre o contexto que caracterizava a sociedade e as universidades brasileiras em meados da década de 1960.

Nos tempos que correm, em que a busca pela igualdade de oportunidades entre os gêneros é indiscutível, e quando a inserção internacional passa a ser quase que obrigação de todos nós pesquisadores, talvez seja difícil lembrar que, naqueles anos, não era um desafio menor uma jovem de seus vinte e poucos anos partir, sozinha, para fazer o doutorado em Paris, na prestigiada Sorbonne, sob a orientação de eminentes pesquisadores europeus.

Enfim, de volta ao Brasil, Maria Luiza permaneceu por um curto período na Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis. Na revista ali publicada, os *Anais de História*, veiculou importantes resultados de seus estudos. Cito aqui, entre outros, o artigo “Dos registros paroquiais à Demografia Histórica no Brasil” (MARCÍLIO, 1970).

Sem dúvida, um início auspicioso para uma trajetória rica que engloba, pelo menos, meia centena de artigos publicados no Brasil e no exterior, quase uma vintena de livros, outra meia centena de capítulos de livro, mais de 150 participações em eventos, além das inúmeras orientações de dissertações de mestrado e teses de doutorado.

⁴ Ainda que haja discussão em torno da adequação desse termo, refiro-me ao grupo de historiadores que se renderam às propostas e desafios lançados por Marc Bloch e Lucien Febvre.

Esse pequeno e incompleto balanço pode dar a dimensão da dificuldade encontrada para escolher o “roteiro” dessa homenagem. Por conta disso, foram escolhidos alguns tópicos que pudessem dar a medida da produção dessa grande pesquisadora e professora. Até porque a produção intelectual não se “contabiliza” apenas pela quantidade (essa demanda excessiva pela quantificação da produção é, sabemos todos, uma “praga” do nosso tempo). A “régua” deve dar conta também da diversidade e riqueza das abordagens e dos temas, para refletirmos não apenas sobre a métrica, mas, sobretudo, sobre o impacto de sua produção para os caminhos da Demografia Histórica da América Latina e do Brasil. Embora tenhamos o passado como ponto de partida, quero mirar o futuro.

Essa “viagem” no tempo me fez garimpar algumas pepitas, como a primeira publicação de Maria Luiza Marcílio, datada de 1965, quando já se encontrava em Paris⁵, começando em grande estilo ao publicar, em francês, um texto sobre industrialização e movimento operário em São Paulo no início do século XX. Aliás, essa é outra característica importante de toda a sua produção: publicar em diversos idiomas e em diferentes países. Há que se referir que alguns desses trabalhos jamais foram publicados no Brasil⁶.

Esse lapso de algumas décadas revela, à partida, um sinal particularmente importante, que me fez refletir, mais uma vez, sobre o passado e futuro da Demografia Histórica da América Latina. Com os olhos no passado recente, constato que há alguns anos um grupo consistente de pesquisadores latino-americanos interessados na história da população e na demografia histórica vem mantendo intensos e produtivos diálogos entre si (embora mantidos de forma individual), a partir de projetos, publicações, ou através dos encontros que ocorrem nos congressos da Asociación Latinoamericana de Población (ALAP), Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Asociación de Estudios de Población de la Argentina (AEPA), entre outros. Os que trabalham em temas afins buscam uma maior aproximação com alguns colegas. Mas, é necessário ir além! E creio que o exemplo dos membros do Grupo de Trabalho “População e História” da ABEP e dos integrantes das Redes da ALAP pode ajudar a dinamizar ainda mais esses contatos, estimular os projetos conjuntos que busquem cobrir toda a amplitude de temas e questões que merecem a nossa atenção, e que pesquisadores individuais não têm fôlego e/

⁵ Marcílio permaneceu em Paris entre os anos de 1964 e 1967 para fazer o doutorado, com bolsa do governo francês (CNRS), conforme informações do Currículo Lattes.

⁶ Com o objetivo de reunir e disponibilizar textos importantes, incluindo alguns nunca publicados no Brasil ou traduzidos para o português, quatro ex-orientandos – Renato Pinto Venancio (Universidade Federal de Minas Gerais), Renato Junio Franco (Universidade Federal Fluminense), Carlos de Almeida Prado Bacellar (Universidade de São Paulo), e Ana Silvia Volpi Scott (Universidade Estadual de Campinas) – organizaram a edição de um livro que é um tributo à ampla e rica produção de Maria Luiza Marcílio. Intitulado *A História em todos os sentidos. Demografia Histórica e Questões Contemporâneas*, a obra reúne textos que abordam um amplo leque de temas e abordagens que caracterizam a sua produção. O livro foi publicado pela Editora PUC Minas, em 2017. O texto sobre a industrialização e o movimento operário está incluído neste livro.

ou recursos para abraçar. Esse desafio não é de hoje! Maria Luiza Marcílio, ao fazer um balanço sobre a Demografia Histórica latino-americana (MARCÍLIO, 2000), apontava a necessidade de diálogo amplo e concertado entre os pesquisadores.

Assim, cada vez mais a soma de esforços para a conformação de redes colaborativas se coloca como o grande desafio aos pesquisadores, não apenas da Demografia Histórica, ou da Demografia, mas em todos os campos das ciências. No caso dos historiadores e demógrafos historiadores, em especial, talvez seja um desafio um pouco mais árduo, por conta da consolidada prática de trabalho individual que se realiza, muitas vezes, no silencioso interior dos gabinetes, dos arquivos, das bibliotecas e, ultimamente, diante das telas dos computadores e de toda a parafernália eletrônica a que temos acesso.

A tarefa, embora ambiciosa, é primordial, uma vez que não é necessário lembrar a nenhum de nós pesquisadores que lidam com os problemas relativos aos estudos das populações no passado, sobre os grandes investimentos de recursos humanos e materiais para a coleta, a organização, a sistematização e, mais importante, a produção e construção de dados que forneçam as bases para as nossas análises e interpretações sobre a população e a família no passado.

Por conta disso, ao voltarmos nossos olhares para o passado mais distante, e para a atuação Maria Luiza Marcílio, percebemos que, desde o início, ela se preocupou em constituir equipes, ter projetos coletivos em andamento, ter inserção internacional, quando ainda não se falava nem de “redes colaborativas” e nem de “internacionalização”.

Na mesma linha lembro que, ao longo das décadas de 1980 e 1990, os “meninos da Marcílio”, como era conhecido o seu grupo de alunos(as)/orientandos(as), foram sempre encorajados(as) a participar de eventos, cursos e seminários no Brasil e no exterior. Igualmente, sua própria inserção como professora visitante em diversas universidades, tanto no Brasil quanto no exterior (Estados Unidos, França, Portugal, Porto Rico), fomentava também os contatos e as trocas de experiências/conhecimentos entre colegas e alunos.

Vale aí mais um testemunho pessoal: a primeira viagem que fiz à Europa, foi para participar do Seminário *Comparative Historical Sociology*, no Instituto Gulbenkian de Ciências (Lisboa), seguido de participação no *Stage de Formation Intensive à la Démographie Historique*, oferecido pelo *Laboratoire de Démographie Historique* da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, na França. Nesses dois cursos, eu e outros colegas, orientados por Maria Luiza Marcílio, tivemos contato e acesso a pesquisadores que faziam investigação de ponta na Demografia Histórica europeia: Louis Henry, Jacques Dupâquier, Jean Pierre Bardet, Jean-Noël Biraben, Hervé le Bras, Richard

Smith, Robert Rowland, Alain Macfarlane, bem como a alguns pesquisadores de renome hoje, que despontaram nos inícios dos anos 1980, como David Reher, Maria Norberta Amorin e Isabel Moll.

Uma maneira muito objetiva de perceber os contatos e as redes de pesquisadores que cruzaram o percurso acadêmico de Maria Luiza Marcílio pode ser avaliada através de duas obras seminais organizadas por ela: *Demografia Histórica: orientações técnicas e metodológicas* (1977) e *População e Sociedade. Evolução das Sociedades Pré-industriais* (1984). A simples leitura dos índices das obras revela a sua inserção internacional, concorrendo para reunir textos fundamentais, e publicados em português, de autores que dispensam maiores apresentações entre os estudiosos da Demografia Histórica: Thomas Hollingsworth; Louis Henry; Hubert Charbonneau, Jean Pierre Poussou; Jacques Dupâquier; Alain Bideau; Massimo Livi-Bacci, Jean Noël Biraben; Peter Laslett, François Lebrun⁷.

O CEDHAL, centro fundado por Maria Luiza Marcílio, em 1985, veio a se consolidar como um espaço privilegiado, que funcionou não apenas como núcleo de formação de pesquisadores no campo de estudo da população, mas também serviu para oportunizar a vinda nomes importantes para palestras, seminários, ou mesmo para estabelecer contatos que abriam oportunidades variadas para seus orientandos(as). Foi a vinda do Secretário Geral do *European University Institute*, ao CEDHAL, em 1988, que oportunizou minha ida para Florença (Itália) para fazer o doutorado, sob a orientação de Robert Rowland. O colega Renato Pinto Venâncio, também aproveitando os contatos propiciados por Maria Luiza Marcílio, fez seu doutorado em Paris, sob a orientação de Jean Pierre Bardet.

Enfim, todo esse relato mostra mais uma faceta importante de Maria Luiza Marcílio: sua preocupação não apenas com a formação de pesquisadores e discípulos, mas a disposição e a generosidade de oferecer oportunidades para que seus orientandos “alçassem voos” mais arrojados e autônomos.

Contudo, o perfil de um(a) grande mestre(a) não se limita exclusivamente à formação de quadros e recursos humanos através da docência e da orientação. A capacidade de produzir conhecimento e renovar as interpretações e os estudos sobre um conjunto alargado de temas revela outra marca de Maria Luiza Marcílio, que está amplamente documentada, não apenas aqui no Brasil, como também através de sua brilhante carreira internacional, que possibilitou partici-

⁷ Cabe ainda recordar um fato significativo e que não deixa de ser curioso: a coletânea *Demografia Histórica*, publicada inicialmente no Brasil pela Editora Pioneira, em 1977, mereceu uma versão em francês, publicada dois anos mais tarde, numa colaboração entre a Presses Universitaires de France (PUF), a Universidade de Rouen e a Universidade de Montreal (MARCILIO & CHARBONNEAU, 1979).

pação ativa no debate historiográfico de ponta, nas áreas de História Social e de Demografia Histórica.

Tal assertiva fica muito clara quando passamos em revista o tema central do I Seminário da Red Demografia Histórica (ALAP), que teve como objeto as famílias e as múltiplas abordagens da história da população⁸, e percebemos que Maria Luiza Marcílio produziu conhecimento substantivo em todas as perspectivas, somadas a outras que não foram contempladas no seminário. Para mais, cabe sublinhar o constante e rico diálogo que Marcílio sempre procurou manter entre a demografia histórica e outros campos da história, especialmente com a história social. Um exemplo dessa postura aparece expresso no texto publicado em Porto Rico, intitulado “La Historia Demográfica al servicio de la Historia Social” (1986). Tal relação, com certeza, deve ser resultado dos ensinamentos dos mestres Fernand Braudel e Louis Henry.

As reflexões e os textos produzidos no âmbito da Demografia Histórica, da História da População e da História da Família foram veiculados em livros, artigos, conferências, apresentações em congressos e abordam aspectos teóricos e metodológicos, sem deixar de lado a vital discussão sobre as fontes que podem ser exploradas através do instrumental da Demografia Histórica. Maria Luiza Marcílio debruçou-se sobre temas amplos, como foram as considerações apresentadas no texto em que fez um balanço sobre a Demografia Histórica na América Latina (MARCÍLIO, 2000) ou o capítulo sobre a população no Brasil Colonial, que integra o volume 2 da coleção História da América Latina, organizada por Leslie Bethell e publicada pela primeira vez em 1984, que teve edições na Espanha e no Brasil (MARCÍLIO, 1984a; 1984b; 1999), sem esquecer o capítulo que assinou no livro *A Global History of Historical Demography. Half a Century of Interdisciplinarity*, sobre a Demografia Histórica na América Latina (MARCÍLIO, 2016).

Nessa perspectiva, a pesquisadora propunha visões de conjunto que procuraram dar conta das grandes linhas e estabelecer algumas interpretações sobre o vasto conjunto da população latino-americana e brasileira, tendo por base o conhecimento produzido até então. Aliás, no tocante à reflexão sobre a população brasileira no início da década de 1970, Marcílio publicou artigo sobre o crescimento histórico da população brasileira até 1872, ano do primeiro recenseamento geral do Brasil, o único realizado durante o período escravista (MARCÍLIO, 1973).

Sobre o balanço da Demografia Histórica na América Latina, publicado nos *Annales de Démographie Historique*, citado anteriormente, procurava dar conta da situação na virada para o século XXI, e além de retomar os estudos pioneiros e seus autores, discutia a questão fundamental

⁸ O I Seminário Demografia Histórica e Historia de la Población en Latinoamérica foi realizado no Núcleo de Estudos de População (Nepo/Unicamp), em Campinas, entre os dias 22 e 23 de junho de 2015. O tema do evento foi: *Familia & Familias: formas de organización de redes familiares en América Latina*.

das fontes e metodologias para se produzir a demografia histórica na América Latina, apontando para a necessidade do diálogo entre pesquisas e pesquisadores interessados no estudo da população em perspectiva histórica.

No mais, seria interessante para os pesquisadores de hoje seguir algumas sendas abertas por esses pioneiros. Hector Pérez Brignoli (2004) faz referência aos vários grupos que, nas décadas de 1960 e 1970, sob a influência da escola francesa de Louis Henry, apareceram e abriram caminho no campo da demografia histórica na América Latina: Nicolás Sánchez Albornoz, Rolando Mellafe, Cecilia Rabell, Elsa Malvido e Maria Luiza Marcílio, seguida por Altiva Pillati Balhana e Cecília Westphalen, ambas vinculadas à Universidade Federal do Paraná (UFPR). Estas duas professoras tiveram também papel importante na formação de pesquisadores e na produção de conhecimento na área da Demografia Histórica brasileira, oportunizando inclusive a vinda de Louis Henry para o Brasil, onde ofereceu cursos na UFPR e quando teve acesso às fontes brasileiras que usou para escrever o livro *Técnicas de Análise em Demografia Histórica* (1977), que ficou conhecido como o “manuel brésilien”.

Esses pioneiros, ao lado de Marcílio, deram subsídios para muitos temas e variadas abordagens, mas nem todos tiveram continuidade. Entre as possibilidades lançadas, refiro-me especificamente aos estudos comparados, a exemplo da iniciativa que ocorreu em 1979, na cidade de Vancouver (Canadá), sobre a urbanização nas Américas, quando Marcílio apresentou uma reflexão sobre regimes demográficos no Brasil do século XIX, buscando comparar áreas urbanas e rurais. Essas primeiras reflexões já apontavam para as diferenças entre o Antigo Regime Demográfico na Europa e na América. Marcílio, no final dos anos 1970, abordando especificamente o caso do Brasil, sugeria quatro modelos diferentes que variariam de acordo com os graus de isolamento da população, com o acesso aos recursos naturais, com o tipo de mão de obra predominante e com as ligações com a economia mundial, gerando as categorias seguintes: 1) regime demográfico da economia de subsistência; 2) regime demográfico das economias fundadas nas “plantations”; 3) o regime demográfico das populações escravas; 4) regime demográfico das regiões urbanas (sobretudo áreas portuárias).

Alguns anos depois o tema dos regimes demográficos foi retomado e sistematizado de forma mais refinada no capítulo “Sistemas demográficos no Brasil do século XIX” (MARCÍLIO, 1984), que integra o livro *População e Sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*, já mencionado. Para a Demografia Histórica no Brasil, esse texto é fundamental, pois a reflexão e discussão sobre os regimes demográficos no passado brasileiro é o eixo que reúne um grupo de pesquisadores de norte a sul do país, liderado por Sergio Nadalin, do Grupo de Pesquisa *Demografia & História*, cadastrado no CNPq. O texto de Marcílio instigou, vinte anos depois, Sergio Nadalin a

refletir sobre a demografia da sociedade colonial, a partir da mobilidade/estabilidade da população, para mapear os regimes demográficos que teriam vigorado, e que constituiriam, segundo esse autor, “uma pauta comum para a continuidade do estudo da história demográfica brasileira” (NADALIN, 2003; 2009; 2014).

Isto é, problemas e reflexões lançadas por Maria Luiza Marcílio há mais de três décadas, continuam a inspirar os pesquisadores que, em redes, procuram dinamizar as pesquisas e o trabalho coletivo para racionalizar e rentabilizar recursos humanos e materiais, procurando avançar no conhecimento sobre o passado de nossa população. Vale destacar também que, desde os finais da década de 1970, e sobretudo ao longo das décadas de 1980 e 1990, os trabalhos de Maria Luiza Marcílio continuaram a apostar na vertente comparativa.

Além disso, suas preocupações se dirigiram a todos os segmentos da população, incluindo os escravos negros, assim como seus aportes já se detinham na população indígena do Brasil, tema que ainda hoje é insuficientemente abordado pelos pesquisadores brasileiros, embora no caso da América Latina essa lacuna seja menos acentuada. Sobre a população indígena, chamo atenção para o trabalho apresentado no colóquio realizado em Paris sobre o povoamento do mundo, antes de 1800. Naquela oportunidade, Marcílio (1987) apresentou um texto sobre a população indígena no Brasil e a conquista europeia no século XVI.

Em relação à população escrava de origem africana, houve aqui no Brasil um *boom* de estudos, principalmente nas últimas décadas. Também nesse campo encontramos contribuições e reflexões de Maria Luiza Marcílio, que revelam sua percepção para fazer aflorar abordagens pioneiras. No contexto que seguiu o centenário da abolição da escravidão no Brasil, celebrado em 1988, Maria Luiza Marcílio (1991) publicou texto que discutia os padrões da família escrava, quando muitos pesquisadores sequer estavam prontos a aceitar, sem reservas, a própria existência da família entre a população cativa.

Temas inovadores, perspectivas e fontes renovadas. A produção de Maria Luiza Marcílio é sinônimo de tudo isso, a começar pelas contribuições de sua tese de doutoramento. Entre elas, chamo atenção para um aspecto que tem grande significado e repercussão para os regimes demográficos e sistemas familiares latino americanos: os altos índices de nascimentos fora do casamento, assim como a importância do fenômeno do abandono de crianças. Se hoje as discussões sobre esses temas e os números relativos à fecundidade ilegítima e aos percentuais de abandono não nos espantam mais, a revelação desses comportamentos, a partir do estudo da freguesia da Sé de São Paulo, foi impactante, afinal, pela primeira vez, se contabilizou que cerca de 40% dos batizados naquela paróquia correspondiam a crianças naturais ou expostas.

A “descoberta” de altos índices de abandono de crianças abriu inúmeras perspectivas de estudo, muitas delas abraçadas e exploradas pela própria autora, caminho que continua a ser seguido por muitos pesquisadores que, hoje, discutem com profundidade essa temática, enriquecida através da metodologia do cruzamento de fontes, tentando compreender não apenas o fenômeno do abandono em si, mas as repercussões ao nível das trajetórias de vida das crianças que sobreviveram aos altos índices de mortalidade que afligiam estes inocentes, e que lograram constituir família e se inserir na sociedade. As diversas facetas do abandono (nas rodas ou nas soleiras das portas), a intervenção das câmaras municipais e tantos outros aspectos são objeto de interesse de numerosos estudiosos que se inspiraram no trabalho seminal de Maria Luiza Marcílio, *História Social da Criança Abandonada* (1998), reeditada em 2006. Retomo aqui as palavras do colega Renato Pinto Venâncio (1999), na resenha publicada na Revista Brasileira de História:

Nos meios acadêmicos brasileiros, a Demografia Histórica é frequentemente identificada aos excessos de métodos quantitativos e à ausência de problemáticas definidas. Ao longo de sua prolífica vida acadêmica Maria Luiza Marcílio só fez desmentir tais estereótipos [...] seu livro é um exemplo de como a sensibilidade e até mesmo o envolvimento afetivo com um tema podem andar irmanados com seriedade e rigor metodológico.

Continuando na linha das análises das variáveis demográficas exploradas por Maria Luiza Marcílio, encontramos contribuições fundamentais em diferentes trabalhos, especialmente no “clássico secreto”, como se referiu Stuart Schwartz à tese de livre-docência apresentada à Universidade de São Paulo em 1974, *Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista*, que somente foi publicada no ano 2000. No prefácio, Schwartz se refere à integração da perspectiva social e demográfica, afirmando que se tratava de um estudo pioneiro e que merecia ser incluído na estante de todo estudioso de História Social e de História Demográfica no Brasil.

Fecundidade, mortalidade, nupcialidade, migração: todas essas variáveis foram tratadas nos seus inúmeros trabalhos. Aqui cabe chamar atenção para o estudo da mortalidade, tema que ainda hoje é pouco frequentado pelos pesquisadores da população em perspectiva histórica, como Marcílio já apontava em 1983. Se nos limitarmos às análises apresentadas em três de seus livros⁹, vemos que, a despeito das dificuldades de se abordar aquela variável, Maria Luiza Marcílio não se furtou a dar contribuição para o seu estudo, sobretudo chamando atenção para as variações existentes entre os diferentes segmentos populacionais. Valendo-se dos registros paroquiais e das listas nominativas de habitantes, apresentou resultados precursores sobre

⁹ São elas: Cidade de São Paulo: povoamento e população (1973); Caiçara: terra e população. Estudo de Demografia Histórica e História Social de Ubatuba (1986); Crescimento Demográfico e Evolução Agrária Paulista, 1700-1836 (2000).

mortalidade infantil, repartição dos óbitos por idades e causas de morte. Especialmente na tese de livre docência, que tratou de toda a Capitania de São Paulo – um trabalho magistral pelo esforço de coleta, organização e análise das fontes, considerando-se que não se dispunham das facilidades, em termos informáticos, que temos hoje –, Marcílio apresenta conclusões importantes, sinalizando que as taxas elevadas de mortalidade não eram fruto de flutuações bruscas e periódicas, causadas por epidemias devastadoras ou crises de alimento, mas deviam-se às condições sanitárias, higiênicas, de habitação e da alta incidência de moléstias infectocontagiosas e parasitárias. Para mais, apontava hipóteses interessantes sobre o impacto diferenciado de moléstias infecciosas entre as populações do litoral e do interior. Em relação à cidade de São Paulo, assinalava que a mortalidade infantil, para o período entre os finais do XVIII e inícios do XIX, rondaria 239 mortes para cada mil nascimentos.

Ainda no tocante a este tema, publicou artigo sobre a “Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro Imperial” (MARCÍLIO¹⁹⁹³). Aqui, pelo contrário, Marcílio demonstrava que, pelo menos dentre os estudos de mortalidade realizados para o Brasil antes de 1900, não se conhecia fenômenos de mortalidade semelhantes ao do Rio de Janeiro ao longo de um período de quase 80 anos: mortalidade elevadíssima e constantemente maior que a natalidade. Uma perspectiva mais abrangente sobre a morte foi apresentada no capítulo intitulado “A morte de nossos ancestrais”, em volume organizado pelo sociólogo José de Souza Martins (MARCÍLIO 1983a).

Fica claro, com base nesses comentários, como seria fundamental que os pesquisadores de hoje dessem continuidade ao estudo desta variável, não só por conta das diferentes áreas e períodos, mas também em relação aos distintos segmentos da população.

Mais ainda, como introdutora da Demografia Histórica no Brasil, Maria Luiza Marcílio colocou na “ribalta” fontes que até então mereciam pouca ou nenhuma atenção dos pesquisadores, entre elas os registros paroquiais e, sobretudo, as hoje muito conhecidas listas nominativas de habitantes, ou antigos censos coloniais, disponíveis desde os meados do XVIII até as primeiras décadas do período imperial. Com base na existência de fontes para o estudo da população no passado, inclusive propôs uma divisão da história demográfica brasileira em três grandes períodos: o período pré-estatístico, desde o início da colonização até 1750; o período proto-estatístico, que se situa entre 1750 e 1872, e o período estatístico, inaugurado com o primeiro recenseamento geral do Brasil (1872).

Graças, ainda, à adaptação dos métodos e técnicas desenvolvidos na França e mesmo na Inglaterra (para o estudo dos domicílios), Maria Luiza Marcílio (2008) contribuiu para que as ferra-

mentas da Demografia Histórica pudessem revelar realidades “inusitadas”, como ela mesma afirmou sobre o passado das populações.

Considerações finais

Através de uma análise mais abrangente não apenas das contribuições de Marcílio, mas sobre a produção na área de Demografia Histórica, especialmente no Brasil, percebe-se a concentração dos estudos em algumas áreas, períodos e temas. Entre nós, os estudos concentram-se, ainda, no final do período colonial, entre os meados do XVIII e as primeiras décadas do XIX, com peso maior na região sudeste-sul (muito embora o grupo de pesquisa Demografia & História, liderado por Sergio Nadalin, esteja envidando esforços para que esse desequilíbrio se atenuem) e uma concentração maior nos temas relativos à fecundidade e nupcialidade, variáveis que melhor são exploradas através das metodologias da Demografia Histórica, seguindo as diretrizes da Escola Francesa, à la Henry. De outra parte, por conta da existência das séries de listas nominativas, sobretudo para São Paulo, Paraná e Minas Gerais, houve um investimento muito grande nos estudos sobre as estruturas do domicílio e da família. Marcílio adaptou o uso dessas fontes e metodologias à realidade brasileira, inclusive propondo a aplicação da metodologia de Reconstituição de Famílias a partir do uso das séries de listas nominativas de habitantes¹⁰. A partir do uso dessas listas, muitos pesquisadores se inspiraram nas contribuições de Peter Laslett e do grupo de Cambridge, como Eni de Mesquita Samara (1980), que estudou a família em São Paulo. Sem dúvida foram produzidos muitos trabalhos, mas a abundância das fontes para essas regiões inibiu, de certa maneira, ou pelo menos “desviou a atenção” dos pesquisadores do uso e da exploração dos assentos paroquiais.

Nos últimos anos, contudo, os historiadores têm se voltado cada vez mais para a exploração dos registros paroquiais, embora nem sempre com o objetivo de fazer análises demográficas, mas, sobretudo, para estudar a família e recompor trajetórias, apostando no estudo das redes sociais e familiares construídas através dos laços do compadrio e do casamento, por exemplo. Nesse campo há também uma atenção crescente dirigida para a análise das práticas de nomeação, entre outras abordagens inspiradas na micro história e nos seguimentos nominativos. O uso das informações dos assentos paroquiais para estudar a questão dos nomes e prenomes

¹⁰ Resultados concretos da aplicação dessa adaptação podem ser encontrados em dois trabalhos que foram orientados por Maria Luiza Marcílio no final dos anos 1980: Scott (1987) e Bacellar (1987).

é uma tendência interessante dos estudos recentes, e também foi objeto de atenção da Maria Luiza Marcílio (1974).

No tocante à variável migração, Marcílio também abriu perspectivas promissoras ao propor uma tipologia para as migrações no período colonial, em texto de poucas páginas, publicado em 1990, em que tece considerações sobre esse tema fundamental para todos os que estudam a população na América Latina, assim como lançou ideias para o estudo do migrante português no período colonial através da microanálise (MARCÍLIO, 1995).

Embora o foco de Marcílio tenha sido a demografia e a família no passado brasileiro, a questão mais ampla da população na América Latina esteve também nos seus horizontes de trabalho, quando analisou a população da América Latina, inclusive no século XX (MARCÍLIO, 1981). O tema das mulheres também emergiu através do artigo publicado no México (MARCÍLIO, 1983b).

Ainda no balanço sobre a Demografia Histórica na América Latina, Marcílio apontava os temas que mais tinham atraído atenção dos pesquisadores: a população autóctone, antes da conquista e depois o problema da depopulação no século XVI, matéria que comporta controvérsias ainda não resolvidas; o tema do casamento, da família, que se alarga para incorporar o estudo do grupo doméstico, as crianças sem família, e os sistemas de herança. Tópicos que devem ser enquadrados e compreendidos à luz das normas da Igreja (e sua moral), bem como da função do Estado, que tem papel fundamental na explicação e interpretação dos resultados quantitativos produzidos a partir dos estudos demográficos.

Marcílio, entre outros estudiosos, também frisou o fato de que a sociedade latino-americana se caracterizava pela importância do concubinato, ou das uniões consensuais estáveis, ou ainda pelo lugar de destaque ocupado pelos domicílios chefiados por mulheres sós (ou, por vezes, acompanhadas por seus filhos ilegítimos), ou o predomínio das famílias de tipo conjugal simples, assim como as fracas taxas de nupcialidade entre a população livre e as taxas quase nulas entre a população cativa.

Enfim, temas e problemas de pesquisa para estimular os pesquisadores de hoje e das gerações vindouras não faltam. Aliás, o balanço proposto por Marcílio caminhou no mesmo sentido daquele apresentado por Héctor Pérez-Brignoli (2004) sobre a Demografia Histórica na América Latina nos inícios dos anos 2000, tanto sobre as questões mais recorrentemente tratadas, como também na proposição de uma agenda para os anos futuros.

Sem dúvida, estas páginas procuraram mostrar que as vertentes abertas por Maria Luiza Mar-

cílio continuam, ainda hoje, a estimular os pesquisadores da Demografia Histórica, da História da População e da História da Família na América Latina. Portanto, prestar uma homenagem a Maria Luiza Marcílio não significa falar do passado da Demografia Histórica latino-americana ou brasileira. É, ainda, e mais do que nunca, voltar nossos olhos para o futuro e para os desafios que nos aguardam.

Referências

ANNALES DE DÉMOGRAPHIE HISTORIQUE. 50 ans de démographie historique. Bilan histoéuiographique d'une discipline en renouvellement. 2015/1 (n° 129).

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Os senhores da terra-família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do oeste paulista, 1765-1855*. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 1987.

COSTA, Maria Cristina Castilho; IVO, Consuelo. Declaração Universal dos Direitos Humanos, o documento mais importante elaborado pelo homem. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 83-96, apr. 2007. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37622/40336>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FAUVE-CHAMOUX, Antoinette; BOLOVAN, Ian; Sølvi, Sogner (Orgs.). *A global history of historical demography: half a century of interdisciplinarity*. Bern: Peter Lang AG; International Academic Publishers, 2016.

HENRY, Louis. *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1977.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Industrialization et mouvement ouvrier à São Paulo au début du XXe siècle. *Le mouvement social*, Paris, v. 55, n. oct-dec, p. 111-129, 1965.

_____. *La ville de São Paulo: peuplement et population. 1750 - 1850*. Université de Paris-Sorbonne, EHESS, França, 1967.

_____. *La Ville de São Paulo - Peuplement et Population. 1750-1850*. 2. ed. Rouen-Paris: Editions de l'Université de Rouen, 1968.

_____. Dos registros paroquiais à Demografia Histórica do Brasil. *Anais de História*, Assis-SP, v. 2, p. 81-100, 1970.

_____. Crescimento histórico da população brasileira até 1872. *Cadernos Cebrap*, São Paulo, v. 16, p. 1-26, 1973.

_____. Anthroponyme au Brésil. In: HENRY, Louis (Org.). *Noms et prénoms*. Aperçu historique sur la dénomination des personnes en divers pays. Dolhain: Ordina, 1974. p. 37-46.

MARCÍLIO, Maria Luiza; CHARBONNEAU, Hubert. *Démographie historique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

_____. La population de l'Amérique Latine de 1914 à 1975. *Population et Famille*, Bélgica, v. 52, n. 1, p. 1-29, 1981.

_____. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983a. p. 61-74.

_____. Algunas proposiciones metodologicas para el estudio de la mujer latinoamericana. *Cristianismo y Sociedad*, México, v. 21, n. 3, p. 57-64, 1983b.

_____. *Sistemas demográficos no Brasil do século XIX*. In: Marcílio, M.L. (org.) *População & sociedade. Evolução das sociedades pré-industriais*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 193-207.

_____. The population of Colonial Brazil. In: BETHELL, Leslie (Org.). *The Cambridge history of Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984a. p. 37-63. v. 2.

_____. La población del Brasil Colonial. In: BETHELL, Leslie (Org.). *Historia de América Latina. América Latina Colonial: población, sociedad y cultura*. Barcelona: Crítica, 1984b, p. 39-60. v. 2.

_____. Le peuplement du monde avant 1800: rapports et résumés. *2ème Congrès International de Démographie Historique*. CNRS: Paris, 4 et 5 juin 1987 et INED, Paris, 6 juin 1987.

_____. Migrações no Brasil Colonial: uma proposta de classificação. *LPH - Revista de História*, Mariana, RS, v. 1, n. 1, p. 36-45, 1990.

_____. Padrões da família escrava. *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, v. 9, p. 10-13, 1991.

_____. Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro Imperial. *Revista de História da USP*, São Paulo, n. 127-138, 1993.

_____. Histórias de vida e micro-análise no estudo longitudinal do migrante português no Brasil Colonial. In: Congreso de la Asociación de Demografía Histórica, 4., 1995, Bilbao. *Anais...* Universidad del País Vasco, 1995.

_____. *História Social da Criança Abandonada*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. A população do Brasil Colonial. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História de América Latina: América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1999. p. 311-338. v. 2.

_____. La démographie historique en Amérique Latine: un bilan, *Annales de Démographie Historique*, Paris, p. 111-125, 2000.

_____. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2005.

_____. Registros paroquiais como fontes seriais que escondem realidades sociais inusitadas. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; FLECK, Eliane Cristina Deckmann (Orgs.). *A corte no Brasil: população e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 48-56.

_____. Historical Demography in Latin America: An Assessment. FAUVE-CHAMOUX, Antoinette; BOLOVAN, Ian; Sølvi, Sogner (Orgs.). *A global history of historical demography: half a century of interdisciplinarity*. Bern: Peter Lang AG; International Academic Publishers, 2016.

_____. *A história em todos os seus sentidos*. Demografia histórica e questões contemporâneas. (Organização: Ana Scott et al.). Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

MATTHIJS, Koen et al. (Orgs.). *The future of historical demography*. Upside down and inside_out. Leuven: Acco, 2016.

NADALIN, Sergio Odilon. A população no passado colonial brasileiro: mobilidade versus estabilidade. *Topoi - Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 222-275, 2003.

_____. Questões referentes aos regimes demográficos no passado colonial brasileiro. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi et al. (Orgs.). *Gentes das Ilhas: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p.13-30.

NADALIN, Sergio Odilon et al. Más allá del Centro-Sur: por una historia de la población colonial em los extremos de los domínios portugueses em América (siglos XVII-XIX). In: CELTON, Dora; GHIRARDI, Mónica; CARBONETTI, Adrián (Orgs.). *Poblaciones históricas: fuentes, métodos y líneas de investigación*. Rio de Janeiro: ALAP, 2009. p. 137-153.

PÉREZ-BRIGNOLI, Héctor. Los caracteres originales de la demografía histórica latino-americana. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, 1., 2004, Caxambu. *Anais...* Córdoba: ALAP, 2004. Disponível em: <http://www.alapop.org/alap/images/PDF/ALAP2004_386.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A Família na Sociedade Paulista do século XIX (1800-1860)*. 1980. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. *Dinâmica familiar da elite paulista (1765-1836): estudo diferencial de demografia histórica das famílias dos proprietários de grandes escravarias do Vale do Paraíba e região da capital de São Paulo*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 1987.